

Fórum sobre a ressurreição

Texto em português · [Ler no site](#)

Resumo

Originalmente publicado como: “**Forum on the Resurrection with William Lane Craig**”. Texto disponível na íntegra em: [/forum-on-the-resurrection-with-william-lane-craig](#).

Participantes: Mark Ballin, Christian Dennis, Elliot Drallmeier, Alex Kim e Sunny Sidhu

M: Falando cientificamente, não há nada que ninguém conheça nem nada que prove remotamente que esse fato poderia ocorrer. Não há absolutamente nenhuma evidência que o apoie. Até onde sei, a não ser que eu esteja perdendo alguma coisa.

Dr. C: Acho que está certo. Cientificamente, quanto mais sabemos a respeito do que acontece às células no corpo quando ele morre, mais entendemos que é cientificamente impossível que algo como a ressurreição tenha acontecido. Portanto, se realmente aconteceu, teria de ser literalmente um milagre, pois não seria algo que ocorreria mediante os processos biológicos normais que ocorrem com cadáveres.

M: Portanto, o tópico se reduz ao acontecimento ou não de um milagre.

A: É logicamente possível que a ressurreição de Jesus tenha realmente ocorrido?

Dr. C: Sim. Precisamos distinguir entre possibilidade lógica e possibilidade científica. A possibilidade lógica significa que não implica contradição. Por exemplo, afirmar que o espaço-tempo do universo é curvo, de modo que ao se ir em determinada direção se termina retornando ao ponto de partida. Assim, é cientificamente impossível seguir em linha reta indefinidamente para sempre sem voltar jamais ao ponto de origem. Portanto, há uma grande diferença entre uma possibilidade lógica e uma possibilidade científica. No caso da ressurreição, não existe contradição lógica quando se diz que alguém foi trazido de volta à vida por Deus, ainda que seja algo que contradiria o comportamento normal das leis da natureza.

M: Assim, para saber se um milagre ocorreu, não temos de examinar a documentação histórica do povo daquela época? Isso não seria acreditar numa pessoa e não noutra?

Dr. C: Concordo com a primeira frase, mas não com a segunda. Os historiadores estudam o passado procurando investigar as evidências testemunhais e outros resíduos do passado e depois tentam reconstruir aquilo que provavelmente aconteceu lá com base nas evidências. Não penso que o caso da ressurreição de Jesus seja de algum modo diferente de quaisquer outros eventos da história antiga — por exemplo, Pôncio Pilatos condenou de fato Jesus de Nazaré à morte por crucificação? Era Caifás o sumo sacerdote enquanto viveu Jesus de Nazaré? — ou mesmo de eventos seculares na história: Júlio César voltou da Gália com o exército romano e se tornou o imperador? O historiador tentará reconstruir o passado de acordo com o melhor sentido das evidências. O mesmo se dá com a ressurreição de Jesus: não é apenas uma questão de considerá-la pela fé, é uma questão daquilo que você disse: examinar evidências testemunhais e qualquer outro tipo de evidências que façam alguma explicação soar melhor.

M: As documentações históricas foram escritas por pessoas que ainda precisavam ver, naquela época, com o que as suas crenças e fé se pareceriam depois de escreverem tal documentação. Portanto, é preciso considerá-la retrospectivamente e ler, por assim dizer, aquilo que elas escreveram nas entrelinhas.

Dr. C: Está certo. É preciso julgar as suas fontes e considerar aspectos como seus preconceitos e pontos de vista, e assim por diante. Mas nesse sentido os evangelhos não são diferentes dos outros documentos da história antiga. Tudo, na história antiga, foi escrito a partir de um ponto de vista. Todo aquele que evoca a história antiga tem algo a provar ou uma razão por que está contando a história. Portanto, nesse sentido, os evangelhos não são realmente tão diferentes assim. É parte da tarefa do historiador procurar discernir se o que ele examina é ou não produto do preconceito ou do ponto de vista de alguém, ou se aconteceu ou não de fato. Isso é parte integrante do trabalho do historiador. Seria errado entender que só porque tem um ponto de vista, alguém não é capaz de contar fatos objetivos sobre o passado. Considerem os relatos do Holocausto, por exemplo, contra os modernos negadores desse massacre, pessoas que dizem que tal coisa jamais aconteceu. Bem, os judeus que sobreviveram ao Holocausto têm interesse declarado, interesse apaixonado, em dizer que esses eventos realmente aconteceram, que eles passaram de fato por essa perseguição, e assim por diante. Isso, porém, não significa que o testemunho deles não conta ou não apresenta objetivamente os fatos, ou outra coisa qualquer. Então, o interesse apaixonado de alguém por um ponto de vista ou por ter uma história para contar não invalida automaticamente a verdade daquilo que está dizendo.

C: Com coisas assim, é possível que a ressurreição não seja verdadeira. Por exemplo, se muitas pessoas concordassem que você fosse de fato uma mulher, não um homem, daqui a 20 anos ou a qualquer momento que falecer, 20 anos depois disso, as pessoas irão dizer que você era mulher. Se elas concordaram acerca disso, então isso se tornará um fato histórico. Portanto, tecnicamente, não podemos denominá-lo de fato.

Dr. C: Você levantou aí todo um conjunto de questões. Em primeiro lugar, a ideia de certeza está deslocada aqui. Não estamos falando de matemática. Estamos falando de história, e entendo que o que deixaria o cristão feliz seria que a ressurreição de Jesus fosse comparavelmente atestada com outros eventos normais da história antiga, como a marcha de Aníbal com elefantes contra Roma, para tentar tomar

es